

Você já ouviu dizer que gosto não se discute, não é mesmo? Será que, para a Filosofia, essa afirmação é válida? Como você já sabe, os filósofos sempre buscaram entender profundamente os diversos aspectos da realidade humana, logo a questão do gosto não passaria despercebida para eles.

Esta unidade tem por objetivo demonstrar como tal questão foi tratada no pensamento de alguns filósofos de diferentes épocas.

No decorrer do tempo, além de realizar reflexões de ordem epistemológica – sobre as formas de conhecer a realidade –, alguns pensadores consideraram importante pensar sobre o valor que atribuímos àquilo que conhecemos, quando julgamos algo belo ou bom, por exemplo. Ao refletir sobre a beleza, eles passaram a indagar, entre outras questões, se ela é universal ou relativa, de acordo com as diferentes culturas e épocas, ou ainda o que ela significa para as pessoas. Assim, surgiu uma área de investigação filosófica, ligada à sensibilidade, ao gosto e à arte, chamada de **Estética**.

O termo **Estética** foi introduzido pelo filósofo alemão Baumgarten, por volta de 1750, em um livro chamado *Esthetica*, com o significado de "doutrina do conhecimento sensível". Atualmente, é utilizado para designar a ciência filosófica da arte e do belo.

A fim de entender melhor a pertinência da Estética para a Filosofia, podemos questionar:

- O que é belo para mim é igualmente belo para todos?
- Ao longo do tempo, o conceito de beleza sempre foi o mesmo?
- Que relações existem entre o belo e a arte?

Tendo em vista esses questionamentos, encontramos na Estética a distinção entre as **qualidades** consideradas **objetivas**, isto é, pertencentes às coisas percebidas, e **subjetivas**, isto é, dependentes do sujeito que percebe.

Dessa forma, podemos dizer que a cor do céu num dia ensolarado é um dado objetivo, porém ela sempre será percebida de um modo subjetivo por diferentes olhares. Isso porque cada um acrescenta ao que vê suas emoções e sensações, com base nas lembranças e nas preferências que tem. Sendo assim, é possível concluir que a faculdade de perceber as cores é universal, enquanto a experiência de apreciar ou detestar uma cor percebida é particular.

Além disso, as pessoas encontram dificuldades para justificar, por meio de argumentos, suas opiniões favoráveis ou desfavoráveis sobre determinado objeto ou qualidade, bem como para explicar por que estímulos diferentes são acompanhados de prazer ou desprazer dependendo de quem os experimenta. E, no que diz respeito a justificar a impressão de que algo é belo ou feio, existe uma dificuldade ainda maior.

Na literatura, por exemplo, encontramos um conto de Machado de Assis sobre um homem que buscava uma mulher extremamente pálida para se apaixonar porque considerava a palidez fundamental para julgar a beleza feminina. Esse conto será apresentado a seguir, para sua reflexão.

BUONARROTI, Michelangelo. Davi. [ca. 1501-1504]. 1 escultura em mármore, 5,17 m. Galleria dell'Accademia, Florença.

► A obra *David*, esculpida pelas mãos do artista Michelangelo, é vista como um exemplo de beleza artística. Em sua opinião, essa avaliação pode ser considerada universal?



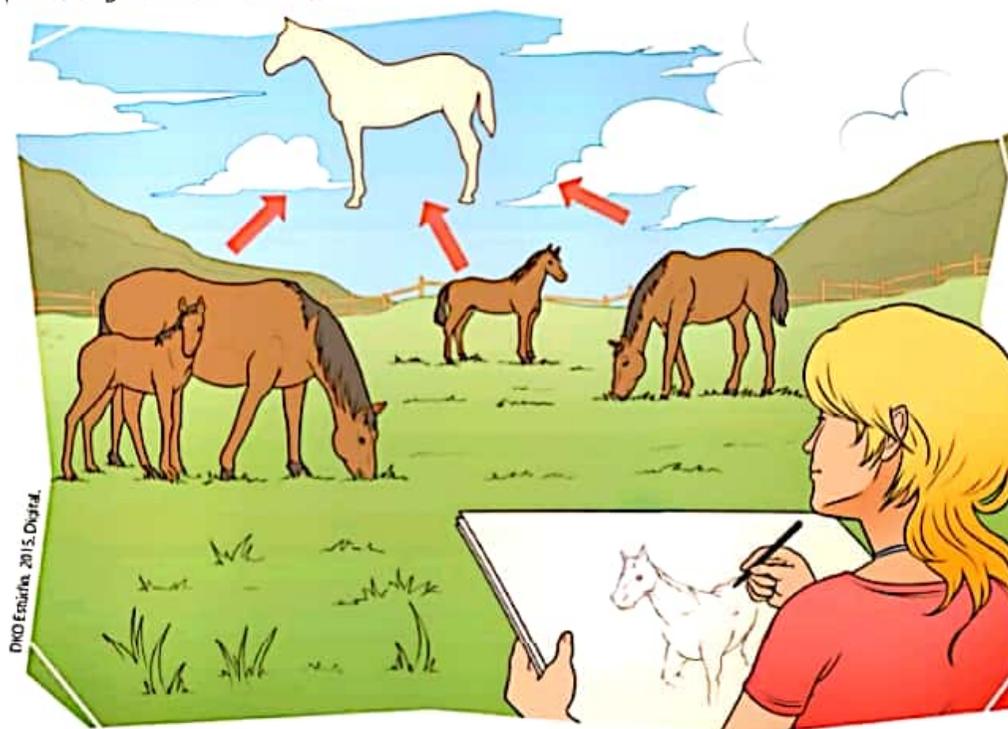
Belo e mimese

Pode-se dizer que, muitas vezes, a beleza e a arte caminham de mãos dadas. Porém, outras criações humanas também dialogam com a Estética. Atualmente, quando falamos em poesia, queremos nos referir a uma manifestação artística da palavra. No entanto, na Grécia Antiga, *póiesis* tinha um sentido mais amplo; significava tudo o que fosse criado pelo ser humano, de artesanato e manufaturas a obras de arte, como pinturas, músicas e textos literários.

Platão, um dos grandes pensadores da Antiguidade, acreditava que toda *póiesis* é uma *mímesis*, ou seja, uma imitação da realidade. Nesse sentido, um artista não passaria de um imitador de objetos que não conhecia profundamente, porque os próprios objetos conhecidos pela mente humana já seriam cópias de modelos existentes no plano das ideias. Sendo assim, por se tratar de uma imitação, Platão acreditava que a arte não refletia o bem e as virtudes e, além disso, alimentava as paixões e corrompia a educação dos homens. Logo, ele tolerava o trabalho dos artesãos, por sua utilidade, mas considerava eticamente inaceitável a arte mimética, por exemplo, a dos pintores e a dos poetas (criadores de cantos e peças teatrais, como as epopeias, tragédias e comédias).

Isso porque, no pensamento platônico, o ideal de beleza não estava neste mundo. Esse ideal faria parte do imutável, da perfeição do mundo das ideias. Sendo assim, diante das representações da beleza, somente nos restaria tecer considerações estéticas, julgando o que é mais ou menos bonito, mas sem poder alcançar a contemplação do belo ideal. Afinal, Platão entendia a experiência do belo como sendo uma manifestação da alma e não da sensibilidade física. Ele associava a ideia do belo às ideias de bom e verdadeiro, afastando-a, por isso, das representações artísticas.

4 Orientações didáticas.



■ Segundo Platão, o artista observa diferentes cavalos, que são, na verdade, cópias da ideia de cavalo. Então, ao representar um deles, produz a cópia de uma cópia.

S – [...] Qual será o nome que darás a este **demiurgo**?

G – Qual?

S – O que faz todos os objetos quantos faz cada um dos que trabalham com suas mãos.

G – Falas de alguém [...] espantosamente sábio!

S – Ainda não! Mas logo o dirás mais admirável ainda. Esse mesmo trabalhador manual não só é capaz de fazer todos os móveis, mas tudo o que nasce da terra e também cria todos os animais e, entre eles, também a si próprio e, além de tudo isso, cria a terra, o céu, os deuses e tudo o que há no céu e o que há sob a terra, no **Hades**.

G – Muito admirável [...] o sábio de que falas.

S – Não acreditas? [...] Mas dize-me... Na tua opinião, absolutamente não haveria um demiurgo como esse ou, de certo modo, haveria um criador de tudo isso e, de outro, não? Não estás percebendo que, de certo modo, tu próprio serias capaz de criar tudo isso?

G – E que modo [...] é esse?

S – Não é difícil [...], mas pode ser realizado de muitas maneiras e com rapidez, se quiseres dar voltas por aí levando um espelho nas mãos. Muito rapidamente criarás o sol, o que está no céu, rapidamente a terra, rapidamente a ti mesmo, rapidamente os outros seres vivos, móveis, plantas e de tudo que se falava há pouco.

G – Sim! [...] Mas coisas aparentes que, na realidade, não existem.

S – Bem! [...] Chegas ao que importa na discussão. Entre tais demiurgos, creio eu, um é o pintor... Ou não?

G – Sem dúvida.

S – Mas dirás, creio eu, que não são verdadeiras coisas que ele cria. Apesar disso, de certo modo, o pintor cria uma certa cama ... Ou não?

G – Sim [...]. Só que também esse cria uma cama aparente.

[...]

S – Assim, penso eu, do poeta diremos também que, embora nada saiba senão imitar, ele consegue, por meio de palavras e frases, usar as cores de cada uma das outras artes, que outros que são como ele, vendo-as graças às palavras ditas, quer se fale do ofício do sapateiro ou segundo um metro, um ritmo e uma harmonia, julgam que ele fala muito bem quer sobre a arte militar, quer sobre outra coisa qualquer. Tal é o encantamento que, por natureza, esses fatores produzem! Despojadas das cores da música, ditas só pelo que são, creio que sabes a aparência que as obras dos poetas têm... Isso é algo que já deves ter visto?

G – Sim, eu já vi [...].

S – Então [...] não faz lembrar que aparência os rostos jovens, mas não belos, vão assumindo quando os abandona a flor da juventude?

G – Faz lembrar muito bem [...].

S – Vamos! Atenta para isto! O criador de imagens vazias, digamos, o imitador, não entende nada do ser, mas entende da aparência, não é?

G – Sim.



■ Papiro Oxyrhynchus LII 3679, século III, com fragmento da *República*, de Platão.